

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

Democracia é essencialmente debate, controvérsia, tese e anti-tese, opposição e governo. Mais opposição, do que governo, pois o que melhor caracteriza os regimes autocráticos e totalitários é a supressão de toda opposição. Governo todos têm e querem ter, mas é a democracia o único regime que não só admite, sendo também implica e exige opposição. Por isto, na Inglaterra, aquella admirável mestra de povos, se o governo se denomina de Sua Majestade, porque o rei simboliza a nução, não menos de Sua Majestade é a opposição: ambos os termos do binómio são essenciais ao regime, ambos desempenham um papel indispensável no sistema.

Ora, não sei eu que espécie de democracia será a deste país, que, para subsistir, não pode ter opposição em seu seio e, para não perecer, tem de renunciar paradoxalmente ao próprio ser. Desde a Assembléa Constituinte, na qual conheceu dias de temor, vive ella em constantes renúncias. Renúncia para salvar-se. E afirma-se, agora, estar dependendo a sua preservação, não da livre escolha do futuro presidente da República pelo voto do povo, mas de se chegar previamente a um acôrdo geral quanto ao nome do candidato, em que o povo deverá votar. Em todas as nações democraticas, é a eleição um meio de deliberar; se o povo é quem escolhe, a escolha elle a faz no ato eleitoral. Entre nós, porém, a deliberação vem antes, e a eleição depois. Quer dizer que o povo realmente não escolhe e apenas chancela a escolha que por elle se faz.

Como se explica tal inversão do processo democratico? Simples me parece a explicação. Não temos propriamente uma democracia, sendo somente uma ditadura constitucional, temporária e eletiva. Tal é o poder do ditador, que a mais sensata coisa que a opposição pode fazer, é compor-se com elle, logo depois de eleito; e tão vitais são os interesses envolvidos na sucessão presidencial, que o pleito abala os próprios fundamentos do regime. Esta é a lição constante de meio século de vida republicana.

Entretanto, para ella tem cerrados os olhos e os ouvidos a maioria dos nossos politicos. Vive o país a debater-se nestas graves crises periódicas, que cada vez mais se alongam e tendem a tornar-se subintrantes, sem que se lhes queira atinar com o remédio específico: a substituição do regime presidencial.